



COLÓQUIO

Letras

 FUNDAÇÃO
CALOUSTE GULBENKIAN

número 204 Maio/Agosto 2020

COLÓQUIO

Letras

número 204 Maio/Agosto 2020

COLÓQUIO Letras

REVISTA QUADRIMESTRAL

EDIÇÃO E PROPRIEDADE



CONSELHO EDITORIAL

- Eduardo Lourenço
(PRESIDENTE)
- Ana Paula Tavares
(ANGOLA)
- Carlos Mendes de Sousa
(UNIVERSIDADE DO MINHO)
- Cleonice Berardinelli
(PUC – BRASIL)
- Germano Almeida
(CABO VERDE)
- Gilda Santos
(UFRJ – BRASIL)
- Helder Macedo
(KING'S COLLEGE – LONDRES)
- Ida Ferreira Alves
(UFF-BRASIL)
- José Manuel da Costa Esteves
(UNIV. PARIS NANTERRE LA DÉFENSE)
- Laura Cavalcante Padilha
(UFF-BRASIL)
- Leyla Perrone Moisés
(USP-BRASIL)
- Luís Bernardo Honwana
(MOÇAMBIQUE)
- Maria Andresen de Sousa Tavares
(UNIVERSIDADE DE LISBOA)
- Maria João Reynaud
(UNIVERSIDADE DO PORTO)
- Oswaldo Manuel Silvestre
(UNIVERSIDADE DE COIMBRA)
- Rita Marnoto
(UNIVERSIDADE DE COIMBRA)
- Sérgio Nazar David
(UERJ-BRASIL)

DIRETOR

- Nuno Júdice
APOIO À DIREÇÃO
Ana Marques Gastão
APOIO EDITORIAL
Maria Filipe Ramos Rosa

- Número avulso – 13 €
Assinatura anual (3 números)
36 € – Portugal
40 € – Especial*
55 € – União Europeia
65 € – Resto do Mundo

Os preços para Portugal incluem o IVA.
* Guiné-Bissau, S. Tomé e Príncipe
e Timor-Leste

DIREÇÃO, REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Fundação Calouste Gulbenkian
Avenida de Berna, 45 – 1067-001 LISBOA
Tel.: 21 782 35 67
E-mail: coloquioletras@gulbenkian.pt
www.coloquio.gulbenkian.pt

ASSINATURAS
Vendas – Fundação Calouste Gulbenkian
Avenida de Berna, 45 – 1067-001 LISBOA
Tel: 21 782 32 92 / vendas@gulbenkian.pt

DESIGN Overshoot Design
CAPA Overshoot Design
(a partir de obras de João Jacinto)

IMPRESSÃO Norprint
ESTATUTO EDITORIAL
Disponível em coloquio.gulbenkian/contactos/

TIRAGEM 1000
DEPÓSITO LEGAL 44718/91
ISSN 0010-1451

SUMÁRIO

GERAÇÃO DE 70

- 9 Da Geração Nova à Geração de 70: o trajeto diferenciador do grupo nuclear
Maria Helena Santana
- 22 Um episódio perdido na estrada de Sintra
Ana Luísa Vilela
- 32 Em busca da glória: figuras da Geração de 70
Carlos Reis
- 46 Jaime Batalha Reis, agente cultural e memorialista
Elza Miné
- 56 Teófilo Braga: pormenores e alicerces de uma história da literatura portuguesa
Maria do Céu Fraga
- 68 Geração de 70 e responsabilidade social
Rodrigo do Prado Bittencourt
- 81 Geração ou gerações de 70? Argumentos e contra-argumentos
António Apolinário Lourenço

DOCUMENTOS

- 111 O projeto da 'Revista Ocidental': três cartas inéditas de Oliveira Martins a Batalha Reis
Guilherme d'Oliveira Martins
- 130 Antero inédito: três cartas a Ana de Quental
Ana Maria Almeida Martins
- 140 Raul Brandão pescador
Vasco Rosa

ARTIGOS

- 147 Narrar o Atlântico Sul: um espaço para a 'Nação Crioula'
Vincenzo Russo
- 160 Sobre 'O Judeu' de Bernardo Santareno
José Manuel de Vasconcelos
- 168 A escrita da crónica e a figuração popular em 'Nos Mares do Fim do Mundo' de Bernardo Santareno
Carina Infante do Carmo

FICÇÃO

- 187 *Richard Zimler*

DIÁRIO

- 201 *Marcello Duarte Mathias*

NOTAS & COMENTÁRIOS

- 221 Ler Matthew Arnold hoje: em torno do «Estudo da Perfeição»
Jorge Bastos da Silva
- 226 O Triângulo Mágico
Maria Antónia Oliveira
- 232 Poemas com e sem endereço
Joana Matos Frias
- 235 A poesia de Manuel Gusmão: a «mão imaginante»
Fernando J. B. Martinho
- 241 'Biografia do Língua' de Mário Lúcio Sousa
Ana Gabriela Macedo

RECENSÕES CRÍTICAS

LITERATURA PORTUGUESA

POESIA

- 247 *Os Sonetos*, Manuel Alegre
PAULA MORÃO
- 250 *Dizeres de Atalaia*, Emanuel Jorge Botelho
MIGUEL MARTINS
- 252 *O Que Fica*, Cristino Cortes
PAULA CARREIRA
- 254 *Si dispensa dai fiori*, José Ricardo Nunes
MIGUEL MARTINS

FICÇÃO

- 257 *Tanta Gente, Mariana / As Palavras Pouçadas*, Maria Judite de Carvalho
ÁLVARO MANUEL MACHADO
- 258 *A Outra Margem do Mar*, António Lobo Antunes
ANA MARGARIDA DE CARVALHO
- 261 *Todos Nós Temos Medo do Vermelho, Amarelo e Azul*, Alexandre Andrade
MARGARIDA VALE DE GATO
- 264 *O Duplo Fulgor do Tempo*, Maria Graciete Besse
MIGUEL REAL

CRÓNICA

- 267 *Correntes d'Escritas & Correntes Descritas*, Onésimo Teotónio Almeida
MIGUEL MARTINS
- 269 *Cinco Voltas na Bahia e Um Beijo para Caetano Veloso*, Alexandra Lucas Coelho
PEDRO CARDIM

EDIÇÃO

- 272 *História dos trabalhos da sem-ventura Isea natural da cidade de Éfeso e dos amores de Clarea e Florisea*, Juan M. Carrasco González (ed.)
XOSÉ MANUEL DASILVA

ENSAIO

- 275 *Variações sobre Temas Camonianos*, Ofélia Paiva Monteiro

RITA MARNOTO

- 277 *Como Exilados de Um Céu Distante. Antero de Quental e Giacomo Leopardi*, Andrea Ragusa

GIANLUCA MIRAGLIA

- 280 *Enigma e Transparência. Sobre a Poesia de Fernando Echevarría*

Maria João Reynaud

FERNANDO GUIMARÃES

LITERATURA BRASILEIRA

POESIA

- 282 *Alguns Poemas*, Maria Lúcia Dal Farra

INÊS PEDROSA

FICÇÃO

- 285 *Essa Gente*, Chico Buarque

ÂNGELA MARIA DIAS

⁴ *Ibid.*, p. 134-135.

⁵ O primeiro é este: «Núñez de Reinoso en português: Traducción, adaptación y proyecto editorial», *Criticón*, n.º 134, 2018, p. 195-201. Eis o título do segundo: «André de Burgos e a Literatura de Cristãos-Novos no Século XVI», in *Anais do II Congresso Internacional Línguas, Culturas e Literaturas em Diálogo: Identidades Silencia-das*, Brasília, Editora IFB, 2018, p. 1020-1027.

ENSAIO

Ofélia Paiva Monteiro VARIAÇÕES SOBRE TEMAS CAMONIANOS

Coimbra, CIEC / 2018

O último livro de Ofélia Paiva Monteiro inicia-se com uma introdução, «Palavras Prévias», que, sob a égide de Luís de Camões, condensa de modo extraordinariamente significativo o perfil da estudiosa, desaparecida alguns dias antes da publicação destas *Variações sobre Temas Camonianos*. A modéstia, a entrega ao objecto de investigação e os afectos que convocam colegas, discípulos e potenciais leitores são a filigrana que entreteceu o rigor e a exigência, antes de mais auto-exigência, de um percurso intelectual polifacetado e aberto.

As 135 páginas do volume são consagradas «À memória de Aníbal Pinto de Castro e Aida Fernanda Dias, a quem me ligou uma quente amizade, que foi crescendo entre as muitas zangas e as muitas alegrias de uma longa camaradagem universitária». Nelas são reunidos seis ensaios, que foram elaborados em diferentes momentos, dispostos de modo a acompanhar a cronologia progressiva das matérias abordadas. O mais distante remonta ao ano de 1972 e contém a lição apresentada ao XLVIII Curso de Férias da Faculdade de Letras de Coimbra, ao passo que o mais recente foi especificamente es-

crito para este livro. Os dois pólos são mediados pela reelaboração, pela agregação e pela articulação de vários outros trabalhos sobre Luís de Camões.

Os três primeiros textos tratam a obra do épico e do lírico, e os três últimos estudam a sua recepção ao longo de um período que se estende entre Neoclassicismo e Romantismo.

Quando inserida na história da crítica camonianiana, a abordagem de Ofélia Paiva Monteiro distingue-se não só pelo reconhecimento da dialéctica como fulcro do universo poético de Camões e do olhar que o poeta lança sobre o mundo, mas também pela eleição desse nó como pedra-de-toque do seu estudo. Essa perspectiva, lançada por Jorge de Sena, Jacinto do Prado Coelho e Eduardo Lourenço, viria depois a ser acolhida e desenvolvida por Helder Macedo, Maria Vitalina Leal de Matos ou Nuno Júdice, nomes que valem por tantos outros. Por conseguinte, a leitura de Ofélia Paiva Monteiro inscreve-se como *trait d'union* entre fases decisivas da crítica camonianiana.

Os temas convocados radicam no âmago do universo do poeta: viagem, errância, descoberta, utopia, inventário do mundo, saudade. A patine autobiográfica que se aloja nos versos de Camões não é descartada, mas à margem de qualquer cedência a soluções fáceis ou de rotina, como é timbre de um camonismo sensato e criterioso. Assim é explorado, através de uma variedade de situações, o modo como a atracção pela vida e o desejo de fruir o mundo coexistem com a carência, ou o apetite intelectual e sensual coexistem com o desalento. Daí decorre, segundo a estudiosa, que o despojamento do pastor ou aquela ataraxia sensitiva que encontra em Simónides um dos seus famosos arautos, ao contraporem a anulação da memória à ganância e à desmesurada ambição de glória, não sejam solução. A vivência

da felicidade implica a consciência do bem, consciência essa que não pode senão pôr a descoberto a contingência.

Analisados transversalmente, esses contrastes consubstanciam-se naquele polimorfismo que, ao fazer de *Os Lusíadas* um compósito de oposições, distingue o poema épico como desafio à própria harmonia do Classicismo. Na incisividade dos contrastes entre «o ideal e a realidade» que plasmam o poema, Ofélia Paiva Monteiro inscreve um «desajuste trágico» (22). É nesse espaço que ubica a origem da poesia, bem como uma «teoria do 'valor'» (30). Considerando o momento contingente em que o poeta viveu, mostra como imanência e transcendência, ideal de cruzada e luta pelo engrandecimento do Reino, heroísmo desmedido e prudência se erigem em baluartes de uma regeneração assente em valores éticos, cristãos e humanos.

Este horizonte crítico dispensa grande atenção a alguns filões que mais recentemente têm vindo a ganhar espaço nos estudos camonianos. Apreciados pela sua novidade, analisados e discutidos, nem sempre merecem, porém, o aval de Ofélia Paiva Monteiro. Perante a leitura de Baco como opositor ao expansionismo bélico, nos termos em que foi operada por Helder Macedo, João R. Figueiredo ou Luiza Nóbrega, opta por continuar a entender a divindade como sinal dos obstáculos a ultrapassar pelos navegantes, considerando a arquitectura do poema. Sem deixar de ter em linha de conta que a ilha de Vénus é para Helder Macedo e Fernando Gil o terreno do dionisiaco, a ordem moral de valores que entende regê-la reitera a sua interpretação como «a ilha da bem-aventurança» (50).

Por sua vez, os ensaios dedicados à recepção de Camões reflectem a articulação com dois períodos literários, cujo estudo a autora destas *Variações sobre Temas Camo-*

nianos igualmente privilegiou, o Neoclassicismo e o Romantismo. Nesse âmbito, é seleccionada e apresentada uma multiplicidade de factores digna de nota, que se organiza numa visão histórico-literária de síntese articulada e precisa, privilegiando *Os Lusíadas*. A análise parte daquela vertente do Neoclassicismo mais ligada à subjectivização, representada por Anastácio da Cunha, Bocage, Filinto Elísio, António das Neves Pereira ou Francisco Dias Gomes, entre outros. A este propósito, Ofélia Paiva Monteiro segue os mais recentes desenvolvimentos da teoria da periodização literária, quando inclui o lugar ocupado pela sensibilidade no âmbito da própria poética do Neoclassicismo, dispensando o Pré-Romantismo de Van Tieghem.

A escolha de dois marcos camonianos como zonas de fronteira que assinalam o início e o ocaso do Romantismo, ou seja, o poema *Camões*, publicado no ano de 1825 em Paris pelo exilado Almeida Garrett, e a inauguração da estátua de Vítor Bastos, em Lisboa, no ano de 1867, ilumina um percurso de uma clareza solar. Nele se vão alinhando as leituras críticas de *Os Lusíadas* que, elaboradas em Portugal e no estrangeiro, passam a valorizar aqueles aspectos do poema que mais frontalmente escapam ao cânone. Da mesma feita, dilucida-se a sua conjugação com rasgos proliferantes de fantasia e de delírio biografista, que tanto contribuíram para o engrandecimento do mito de Camões. Nesse vasto quadro, é justamente destacada a intervenção de Alexandre Herculano, pela acuidade com que vincula a unidade do poema à ideia de glória nacional.

Variações sobre Temas Camonianos é exemplo de um método crítico integrador que, sob a égide de Camões, percorre agilmente tempos da história literária abrangentes, sem nunca perder de vista o plano comunicativo e o seu leitor. A figura

do leitor emerge reiteradamente ao longo do discurso e quando Ofélia Paiva Monteiro mais o vez a convoca, nas palavras com que encerra o livro, é para a projectar sobre novas *Variações*, vindouras: «Um voto final: o de que sempre sintamos pesar sobre nós o olhar ardente do épico e esoutro, tão sério e amargo, de Herculano, a pedirem-nos crenças fortes que combatam a lassidão moral, quando ela nos atacar sob o efeito deletério do desengano ou da descrença num presente desgastado» (134).

Rita Marnoto

[A Autora segue a antiga ortografia.]

Andrea Ragusa
COMO EXILADOS DE UM CÉU
DISTANTE
ANTERO DE QUENTAL E GIACOMO
LEOPARDI

Lisboa, Arranha-Céus / 2019

Há cerca de vinte anos, em 2003, Maria-grazia Russo publicou o volume *‘Um só dorido coração’: Implicazioni leopardiane nella cultura letteraria di lingua portoghese*, uma ampla e pormenorizada investigação sobre a presença, a divulgação e a projecção da obra de Leopardi em Portugal e no Brasil. Pelo que diz respeito à receção portuguesa, os dados recolhidos pela estudiosa levaram-na a concluir que o poeta italiano não teve uma difusão significativa, quer no século XIX quer no século XX. Com efeito, raros são os testemunhos explícitos diretos, como ensaios críticos ou traduções, e árdua é a tarefa de identificar de forma segura ecos da lírica de Leopardi na poesia portuguesa. Impressão semelhante tivera João Bigotte Chorão, na década de 80, quando um editor lhe solicitou o prefácio para uma edição dos *Cantos*, como

lembra em artigo publicado na revista *Estudos Italianos em Portugal*: «Para não desiludir David Mourão-Ferreira, lancei logo mãos ao arado, lendo Leopardi e coisas sobre Leopardi, e procurando rastrear influências do poeta italiano em poetas portugueses. Neste aspecto, regressei quase de mãos vazias, tão escassas são as pegadas leopordianas em nossa literatura.»¹

Considerando essas opiniões, suscita interesse e curiosidade o recente volume assinado por Andrea Ragusa: um estudo monográfico dedicado à relação entre o poeta italiano e uma das figuras mais luminosas e cativantes da cultura portuguesa do século XIX. É verdade que a historiografia e a crítica literária, desde Carolina Michaëlis de Vasconcelos a Antonio Tabucchi, têm associado com frequência os nomes de Antero e Leopardi, não só no plano da sua dor existencial, mas apontando também afinidades entre o pessimismo que se manifesta em numerosas composições poéticas do escritor açoriano e o que atravessa a quase totalidade dos *Canti*. Todavia o livro de Andrea Ragusa não se propõe apenas como um paralelo entre os dois escritores, mas, servindo-se dos métodos tradicionais dos estudos comparados, visa circunscrever a intertextualidade entre a obra de Antero e a de Leopardi.

O primeiro passo, como é de regra neste tipo de estudos, consiste em fornecer o contexto histórico em que se verifica o contacto de Antero com a obra de Leopardi, e, para o efeito, o autor traça de forma sucinta e eficaz os contornos gerais da receção crítica de Leopardi no século XIX, primeiro em Itália, a seguir na cultura francesa, e por fim, de forma mais detalhada, em Portugal. Por uma curiosa e singular circunstância — a relação epistolar entre Castilho e De Sinner, filólogo e amigo de Leopardi —, uma primeira difusão da poesia de Leopardi ocorreu